

Narrativas totalizantes, comicidade e pertencimento

Dionei Mathias¹  0000-0001-8415-1460

¹Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Santa Maria, RS, Brasil. 97105-900 -
letrasestrangeiras@ufsm.br



ref

Resumo: A comicidade tem lugar central na produção discursiva sobre questões de gênero e sexualidade. Ao reforçar ou subvertendo a ordem, ela contribui para estabelecer formas de pertencimento, dentro das narrativas que formam as visões de mundo. Nessa esteira, este artigo tem como objetivo, num primeiro passo, analisar o entrelaçamento entre narrativas totalizantes, comicidade e pertencimento. Num segundo momento, o artigo passa a analisar o romance *Die juristische Unschärfe einer Ehe* (A imprecisão jurídica de um matrimônio), de Olga Grjasnowa. Nele identificamos duas narrativas totalizantes em volta do matrimônio e da sexualidade que são subvertidas a partir do cômico, esboçando outras formas de pertencer. No lugar da reprodução dos léxicos herdados, o romance oferece um novo vocabulário para pensar identidades.

Palavras-chave: narrativas totalizantes; comicidade; pertencimento, Olga Grjasnowa; *Die juristische Unschärfe einer Ehe*.

Totalizing Narratives, humour and belongingness

Abstract: Comicality plays a central role in the discursive production on gender and sexuality issues. Reinforcing or subverting the order, it contributes to establishing forms of belonging, within the narratives that form worldviews. In this context, this article aims, in a first step, to analyse the connection between totalizing narratives, comicality and belongingness. In a second moment, the article analyses Olga Grjasnowa's novel *Die juristische Unschärfe einer Ehe*. In this novel, we identify two totalizing narratives based on marriage and sexuality that are subverted through the comic and that outline other forms of belonging. In place of the reproduction of an inherited lexis, the novel offers a new vocabulary to think about identities.

Keywords: Totalizing Narratives; Humour; Belongingness; Olga Grjasnowa; *Die juristische Unschärfe einer Ehe*.

Narrativas totalizadoras, comicidad y pertenencia

Resumen: La comicidad juega un papel central en la producción discursiva sobre temas de género y sexualidad. Reforzando o subvirtiendo el orden, contribuye a establecer formas de pertenencia, dentro de las narrativas que forman las cosmovisiones. En este contexto, este artículo pretende, en un primer paso, analizar el entrelazamiento entre narrativas totalizantes, comicidad y pertenencia. En un segundo paso, el artículo pasa a analizar la novela *Die juristische Unschärfe einer Ehe* ('La indeterminación jurídica de un matrimonio') de Olga Grjasnowa. En esa novela, identificamos dos narrativas totalizadoras en torno al matrimonio y la sexualidad que se subvierten a través de la comicidad, perfilando otras formas de pertenencia. En lugar de la reproducción de léxicos heredados, la novela ofrece un nuevo vocabulario para pensar sobre identidades.

Palabras clave: narrativas totalizadoras; comicidad; pertenencia; Olga Grjasnowa; *Die juristische Unschärfe einer Ehe*.

Introdução

Na literatura de fluxos migratórios, narrativas totalizantes, comicidade e pertencimento têm um papel central. Quando atores sociais migram de um espaço cultural para buscar assentamento em outro, não raramente se veem confrontados com a necessidade de revisão de suas visões de mundo. Assim, as diversas narrativas que compõem a tessitura de sua realidade cultural podem causar estranhamento, desencadeando processos de reflexão. A exemplo disso, seria possível citar as narrativas de gênero, de sexualidade ou de posicionamento nas diversas intersecções que configuram o si. Os resultados desse movimento cognitivo são múltiplos, oscilando entre a negação cabal da alteridade que se apresenta no novo contexto ou do acolhimento de outras formas de pensar o mundo. Nesse cenário, essa atitude remete a uma dinâmica central no processo de construção de identidade, cuja gênese ocorre a partir do posicionamento individual, diante das narrativas que o espaço cultural oferece.

Pertencimento, nesse contexto, significa, antes de mais nada, identificar individualmente a afinidade com determinadas formas de enxergar o mundo e construir narrativas identitárias que se coadunam com as expectativas de agrupamentos com os quais o indivíduo deseja interagir. Isso pode ocorrer, por exemplo, no plano social (nação, cultura, subcultura, classe social etc.), corporal (gênero, sexualidade, geração, habilidade física etc.) ou emocional (acolhimento, rejeição, sensação de sentido existencial etc.). De modo simplificado, talvez seja possível dizer que, em havendo consonância individual com esses diferentes vetores, instala-se a sensação de pertencimento. Do contrário, surge, em maior ou menor grau, uma dinâmica de exclusão.

Nesse horizonte, narrativas totalizantes parecem estabelecer os modos de conceber o mundo, prevendo as modalidades de concretização existencial e instalando o léxico necessário para nomear as regras de inclusão e exclusão (cidadão/estrangeiro, erudito/popular, homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade, respeito/desprezo, amor/ódio etc.). A comicidade entra nessa discussão como estratégia de negociação. Ela representa uma dentre muitas formas de negociar posicionamentos e hierarquias. A partir do cômico, é possível confirmar, questionar, subverter narrativas que não permitem desvios e, assim, criar espaços para novas formas de pensar percursos identitários.

O romance *Die juristische Unschärfe einer Ehe* (*A imprecisão jurídica do matrimônio*), de Olga Grjasnowa, publicado em 2014, se insere nesse conjunto de questionamentos, encenando em seu universo ficcional deslocamentos migratórios e questionando, por meio do riso, as práticas de administração discursiva das narrativas que fundamentam a construção identitária. A partir desse horizonte, deseja-se, neste artigo, num primeiro momento, discutir o enlace teórico entre narrativas dominantes, subversão lexical, comicidade e pertencimento. Num segundo momento, o foco de discussão se volta para o romance, discutindo os léxicos do matrimônio e da sexualidade, tentando identificar como a comicidade desconstrói essas narrativas totalizantes e fornece novas formas de pensar o pertencimento, na cartografia social. O romance de Grjasnowa se insere num conjunto de textos que têm como foco a crítica social; ao mesmo tempo, ele encena as riquezas do mundo interior, seguindo a metáfora do “world within”, proposta por Stuart Taberner (2017, p. 285).

Conexões teóricas

Em 1979, Jean-François Lyotard publica seu estudo sobre a condição pós-moderna, um texto que se revelou ser central na discussão sobre a concepção das sociedades do Atlântico Norte da segunda metade do século XX. Nele, o filósofo francês esboça alguns vetores decisivos para a transformação da produção de conhecimento e, com isso, também das modalidades de apropriação e interpretação de realidades. De certo modo, sua monografia procura encontrar uma explicação para os grandes movimentos sociais que tiveram lugar nas décadas precedentes: o Movimento pelos Direitos Civis dos Negros nos Estados Unidos entre 1954 e 1968, o protesto dos estudantes universitários em maio de 1968, na França, os Protestos de Stonewall liderados pela comunidade LGBT de Nova York, em 1969 e, sobretudo, o movimento de direitos da mulher pautado pelo pensamento feminista. Nessas diferentes agendas, há um questionamento das narrativas dominantes e uma atitude política que exige direitos, participação ativa e voz no processo de tomada de decisões sobre o espaço social compartilhado.

Em seu estudo, Lyotard (2009, p. xvi) não discute explicitamente esses movimentos, mas ele aborda a transformação ocorrida nas dinâmicas de administração e produção de conhecimento, identificando, no fim dos metarrelatos, a ideia-chave para pensar a condição pós-moderna e, com isso, o posicionamento de atores sociais em suas malhas narrativas. Os metarrelatos que Lyotard tem em mente são, por exemplo, as narrativas de racionalidade, verdade, progresso ou justiça, todas elas frutos do macroprojeto da Modernidade, pautado pela crença numa espécie de teleologia linear com suas promessas de avanço da humanidade. A

primeira metade do século XX mostrou como o princípio da racionalidade desembocou na barbárie nazista e, depois, mais uma vez, na tensão bélica do armamento nuclear.

Com o surgimento dos diferentes movimentos sociais, também ficou cada vez mais evidente que a racionalidade e o progresso, como promessas dessa macronarrativa, eram, na verdade, estratégias discursivas de um determinado agrupamento social, cujos interesses se viam legitimados por meio do emprego desses pilares do discurso moderno. As narrativas totalizantes, como tais, dispõem uma ordem, a partir da qual a concepção do si se origina, direcionando ações e interações. Com efeito, as narrativas totalizantes são responsáveis pela gênese de sentido que perpassa todas as ações, identidades e visões de mundo, produzindo posicionamentos e hierarquias na cartografia social. No processo de socialização, o sujeito as internaliza e as utiliza como crivo da percepção de realidade.

No lugar das narrativas totalizantes, a condição pós-moderna, ainda seguindo Lyotard, passa a ser caracterizada por jogos de linguagens, estes pautados pelo princípio da performance inerente às estruturas globalizantes de fluxos de capitais. Nesse novo contexto, o conhecimento (e as imagens do si) não surge mais com base num esforço racional, mas, sim, como resultado dos jogos de linguagem que determinam a produção discursiva. A ideia de jogos de linguagem, que Lyotard empresta de Wittgenstein, portanto, define em grande medida como indivíduos podem se posicionar no mundo e participar de suas concepções. Com isso, as narrativas totalizantes aparentemente perdem seu poder de impacto para serem substituídas por dinâmicas descentralizadas de negociação.

Para este artigo, é especialmente interessante problematizar como o conhecimento que surge com base nesses jogos de linguagens reproduz, em novos formatos, os princípios totalizantes que aparentemente ruíram com o fim dos metarrelatos. Narrativas não deixaram de ter impacto e transformações sociais e continuam passando pelo princípio da organização discursiva, como mostram discussões mais recentes (Narrative Initiative, 2022). Para isso, permanece indispensável compreender o fundamento de narrativas profundas, com suas lógicas de legitimação e naturalização pautadas por um suposto senso comum, e adquirir os instrumentos discursivos necessários para criar, traduzir e impulsionar novas formas de concretizar as tessituras narrativas que direcionam a existência. Atrélado a isso, encontra-se o esforço de pensar enquadramentos (frames) alternativos para a reconfiguração da dinâmica de sentidos (Frameworks, 2022). As artes, em geral, e a literatura, em específico, representam um lugar importante para esse debate, oferecendo ingredientes para alimentar a discussão e permitindo vislumbrar novos horizontes.

Isso também vale para as reflexões teóricas de Monique Wittig. Como Lyotard, também ela reflete sobre a confluência entre macronarrativas que predispõem visões de mundo e a produção de conhecimentos e sentidos que definem imagens do si. Nessa esteira, a intelectual francesa enfeixa seus questionamentos sobre a lógica dos papéis de gênero e da sexualidade. Esses dois vetores remetem a duas importantes narrativas totalizantes legadas pela tradição, contendo interpretações de realidade que fundamentam sua argumentação na natureza. Nessa argumentação, toda alteridade se vê confrontada com o imperativo de se alinhar a essa lógica e definir o si a partir dessa disposição da realidade. Em seu ensaio "The category of sex", Wittig escreve:

Pois a categoria do sexo é totalitária, que para provar a verdade tem suas inquisições, suas cortes de justiça, seus tribunais, seu corpo de leis, seus terrores, suas torturas, suas mutilações, suas execuções, sua polícia. Ela molda a mente e também o corpo, uma vez que controla toda a produção mental. Ela domina nossas mentes de tal maneira que não podemos pensar fora dela. É por isso que devemos destruí-la e começar a pensar além dela se quisermos começar a pensar, assim como devemos destruir os sexos como uma realidade sociológica se quisermos começar a existir (Wittig, 1982, p. 68).¹

Conceber a existência e as narrativas do si na intersecção da sexualidade compreende, portanto, pensar o si primeiramente nos moldes das categorias dominantes da heterossexualidade. Ao identificar um corpo que não se enquadra nas categorias recebidas pela tradição para definir o si, o indivíduo começa a enxergar o arsenal discursivo instalado para debelar qualquer alteridade que possa fazer exigências de legitimidade. Ao utilizar o lexema "totalitário", Wittig recupera o grau de violência que acompanha a constituição desse discurso. Trata-se de um aparato que não abre brechas para o diálogo, que não prevê espaço para diferenças, que aniquila por meio da legitimação de sua narrativa toda voz dissonante. Seu poder se encontra, sobretudo, nessa legitimação. Por meio da visão de mundo legitimada, o indivíduo internaliza formas de pensar o corpo e a sexualidade "natural", adota como seus os crivos que predispõem o acesso à realidade, imaginando como a "verdade" aquela mediada pelo discurso dominante.

¹ "For the category of sex is a totalitarian one, which to prove true has its inquisitions, its courts, its tribunals, its body of laws, its terrors, its tortures, its mutilations, its executions, its police. It shapes the mind as well as the body since it controls all mental production. It grips our minds in such a way that we cannot think outside of it. This is why we must destroy it and start thinking beyond it if we want to start thinking at all, as we must destroy the sexes as a sociological reality if we want to start to exist" (Wittig, 1982, p. 68).

Desse ângulo, Wittig propõe a desconstrução da categoria totalizante do sexo com suas estratégias de opressão, a fim de conceber um lugar para outras formas do ser. Essa desconstrução também é o foco de seu ensaio "The straight mind":

Com sua inelutabilidade como conhecimento, como um princípio óbvio, como um dado anterior a qualquer ciência, a mente heterossexual desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo. Posso apenas sublinhar o caráter opressor que envolve a mente heterossexual em sua tendência de universalizar imediatamente sua produção de conceitos em leis gerais, que afirmam ser verdadeiras para todas as sociedades, todas as épocas, todos os indivíduos (Wittig, 1980, p. 107).²

Nessa perspectiva, a visão de mundo pautada pela heterossexualidade fornece um conjunto de conceitos que totalizam as experiências humanas, narrando-as como naturais. Com base nessa leitura, Wittig problematiza lexemas como "mulher" e, por extensão, "homem", "heterossexual", "homossexual", pois esse sistema de classificação e de composição da ordem deriva de um determinado estrato social cuja motivação remete à necessidade de produzir legitimidade e ao esforço de obtenção de poder. A universalização com suas narrativas totalizantes, portanto, forma uma estratégia discursiva para instauração de um crivo de realidade que vai pautar visões de mundo, práticas interacionais e concepções do si. Para isso, sua racionalidade e sua verdade estão voltadas para a produção de vocabulários, redes de oposição, dispositivos classificatórios que, num primeiro momento, fornecem ao indivíduo o material linguístico para produzir realidade, num segundo momento, para disciplinar os integrantes dessa realidade, com o fito de manter a integridade dessa narrativa. Aqui tem início o processo de aprendizagem do léxico das línguas.

No cerne dessa estratégia de administração do real encontra-se a língua. É na língua que Wittig identifica o verdadeiro contrato social: "Parece-me que o primeiro, o permanente e o último contrato social é a língua. O acordo básico entre os seres humanos, na verdade, que os torna humanos e sociais, é a linguagem" (Wittig, 1989, p. 3).³ Como instrumento de construção da realidade, a língua define os termos que caracterizam humanidade e sociedade. É a partir dela que o espaço social é organizado, prevendo classificações que vão definir o modo como cada membro pode participar do processo de construção da realidade compartilhada. A obtenção de voz, portanto, passa por um processo de obtenção de conhecimento sobre a engenharia da língua para, num segundo momento, ser possível desmontar a estrutura solidamente instalada.

Nessa esteira, a oposição às narrativas totalizantes tem início com a problematização do léxico herdado. No ensaio "The Trojan horse", Wittig propõe:

E voltando ao nosso cavalo, se a gente deseja construir uma máquina de guerra perfeita, deve-se poupar a ilusão de que fatos, ações, idéias podem ditar diretamente às palavras sua forma. Há um desvio, e o choque das palavras é produzido por sua associação, sua disposição, seu arranjo e também por cada uma delas quando usadas separadamente. O desvio é trabalho, trabalhar palavras como qualquer um trabalha um material para transformá-lo em outra coisa, um produto. Não há como poupar esse desvio na literatura, e o desvio é do que trata [a] literatura em sua essência (Wittig, 1984, p. 48).⁴

Questionar o léxico das narrativas totalizantes herdadas pela tradição compreende um processo de desconstrução ou subversão das práticas linguísticas instauradas. Isso implica não somente o questionamento sistemático das categorias binárias que estruturam as visões de mundo, mas também estratégias que desintegram o poder silenciador das palavras. A fim de oferecer resistência à prática de disciplinamento e subordinação inscrita na língua, surge o desvio de seu uso para instaurar novas formas de enxergar a realidade e pensar as modalidades de participação. Nesse horizonte, o desvio da língua funciona como um cavalo troiano, cujo objetivo reside em desestabilizar a ordem fechada, com seus potenciais de violência e silenciamento. Com isso, o jogo de linguagem discutido por Lyotard assume uma outra conotação, esta voltada para as questões mais interessadas no modo como gênero e sexualidade também são frutos de uma ordem da língua.

² "With its ineluctability as knowledge, as an obvious principle, as a given prior to any science, the straight mind develops a totalizing interpretation of history, social reality, culture, language, and all the subjective phenomena at the same time. I can only underline the oppressive character that the straight mind is clothed in in its tendency to immediately universalize its production of concepts into general laws, which claim to hold true for all societies, all epochs, all individuals" (Wittig, 1980, p. 107).

³ "It seems to me that the first, the permanent, and the final social contract is language. The basic agreement between human beings, indeed what makes them human and makes them social, is language" (Wittig, 1989, p. 3).

⁴ "And to come back to our horse, if one wants to build a perfect war machine, one must spare oneself the delusion that facts, actions, ideas can dictate directly to words their form. There is a detour, and the shock of words is produced by their association, their disposition, their arrangement, and also by each one of them as used separately. The detour is work, working words as anyone works a material to turn it into something else, a product. There is no way to save this detour in literature, and the detour is what literature is all about" (Wittig, 1984, p. 48).

A comicidade e todos os seus derivados como a sátira, a paródia, a ironia, o jocoso representam, por excelência, um desvio da linguagem, desencadeando no indivíduo uma revisão do acesso à realidade, segundo mediado pela língua. O riso funciona como uma espécie de “cavalo troiano”, inserindo na estrutura sólida da realidade elementos de desagregação. Sua desintegração ocorre, num primeiro momento, no plano da língua, onde a conjunção de palavras produz rupturas na constituição narrativa dos processos de interação. Com base nesses movimentos de ruptura, a desintegração narrativa vai se estendendo a outras esferas, causando diferentes graus de desestabilização de visões totalizantes de mundo.

Em seu estudo sobre a conexão entre gênero e pragmática, Helga Kotthoff traz algumas problematizações centrais para este questionamento:

Ao violar normas e criar perspectivas não convencionais, o humor certamente influencia as normas. Ele cria perspectivas novas e incomuns sobre o objeto e, assim, comunica soberania, poder criativo e a liberdade de intervir no mundo. Essas exhibições demonstrativas de subjetividade e seu potencial para definir normalidade têm sido menos aceitos pelas mulheres (Kotthoff, 2006, p. 5).⁵

Em sua discussão, a estudiosa da língua identifica primeiramente que a participação de mulheres na produção discursiva pautada pelo humor é desigual em relação à presença masculina. Em havendo sua participação, ela tende a não violar normas na mesma proporção identificada em atores sociais masculinos. De partida, essa configuração produz formas diversas de se posicionar diante da comicidade e seus potenciais como “cavalo troiano”. Ao participar ativamente da produção de humor e romper normas, há, portanto, um movimento duplo de desintegração das narrativas herdadas, desencadeando (1) processos de revisão das regras que definem os jogos de linguagem e (2) desestabilizando a distribuição de papéis previstos nesse eixo de acesso à realidade. Cintia Lima Crescêncio e Maria Conceição Francisca Pires (2018) reforçam essa leitura em sua introdução ao dossiê “O humor das mulheres e as mulheres no humor: feminismos, riso e arte”, da *Revista Ártemis*, ao contraporem o legado da violência simbólica a novas formas de pensar o humor, a partir da perspectiva feminina.

No lugar da reprodução de estratégias de comicidade legadas pela tradição masculina, o cômico feminino adapta seus movimentos a suas intersecções específicas (Kimberlé Crenshaw, 1989; Nira Yuval-Davis, 2006; Stephanie A. Shields, 2008), prevendo outras formas de desestabilizar as narrativas totalizantes. A utilização de outras estratégias também implica que a ruptura das normas ocorre em consonância com os posicionamentos ocupados pela voz que interage com a realidade no marco do cômico. Especialmente importante na citação de Kotthoff é a constatação de que a ruptura da normas – em seus mais diversos graus de insubordinação – contém um potencial de revisão de realidade. Com isso, o humor semeia novos potenciais de sentido que convidam para a problematização das narrativas dominantes e suas estratégias de totalização.

Esse potencial de desestabilização cria uma confluência entre a desintegração dos metarrelatos, o cavalo troiano como forma de não aceitação da nomenclatura herdada e o desvio da língua como mecanismo para um redirecionamento da percepção. Nessa esteira, as diferentes formas de comicidade trabalham, a partir do material linguístico, com modos de produzir no indivíduo uma disposição para desacelerar e voltar sua atenção para a narrativa em processo de constituição. Ao fornecer um outro crivo de percepção no marco do riso, os integrantes da interação estão convidados a rever atitudes e identificar seu posicionamento diante das narrativas ofertadas. Obviamente, comicidade não implica uma alteração imediata de comportamentos ou atitudes, mas ela produz sedimentos de sentido, com potencial de extensão de seu escopo de impacto sobre as ações que constituem a realidade.

Ainda nesse horizonte, vale lembrar que comicidade não representa automaticamente questionamento das narrativas vigentes. O cômico pode estar a serviço da manutenção de visões de mundo, mas também se dispor a questionar as visões dominantes:

Para começar, pode-se fazer uma distinção entre dois tipos de humor: o humor disciplinar e o humor rebelde. Ambos os tipos podem ser vistos como formas de ridículo. O humor disciplinar zomba daqueles que quebram as regras sociais e, portanto, pode ser visto para auxiliar a manutenção dessas regras. O humor rebelde zomba de regras sociais e, por sua vez, pode ser visto como um desafio ou rebelião contra as regras. O humor disciplinar contém um conservadorismo intrínseco, enquanto o humor rebelde parece estar do lado do radicalismo (Michael Billig, 2005, p. 202).⁶

⁵ “By violating norms and creating unconventional perspectives, humor certainly influences norms. It creates new, unusual perspectives on the object and thereby communicates sovereignty, creative power, and the freedom to intervene in the world. Such demonstrative displays of subjectivity and their potential to define normality have been less accepted by women” (Kotthoff, 2006, p. 5).

⁶ “To begin with, a distinction can be made between two sorts of humour: disciplinary and rebellious humour. Both types can be seen as forms of ridicule. Disciplinary humour mocks those who break social rules, and thus can be seen to aid the maintenance of those rules. Rebellious humour mocks the social rules, and, in its turn, can be seen to

Tanto no humor disciplinar como no humor rebelde, o sujeito se posiciona diante das narrativas que constituem a realidade e participa do processo de gênese do sentido. Enquanto o humor disciplinar tende a fortalecer sentidos vigentes, contribuindo, portanto, para movimentos de totalização, o humor rebelde se inclina a subverter os sentidos instaurados, a fim de instalar novas combinações que possam revisar os crivos implementados. Nesse contexto, não é somente o sentido que se instala, criando fluxos semânticos que impactam as narrativas dominantes. Esse mesmo movimento também define modalidades de pertencimento, uma vez que o indivíduo que se utiliza da comicidade para interpretar a realidade também se posiciona, adotando uma atitude de consonância ou dissonância frente às práticas que permeiam o espaço social em que transita.

A comicidade, portanto, parece contribuir para a formação de agrupamentos sociais que se identificam com as atitudes e os comportamentos subjacentes ao foco de comicidade. Com base nesse posicionamento, o indivíduo identifica para sua narrativa individual quais práticas deseja reproduzir, quais atitudes procura debelar e como pode participar dos jogos de linguagem, a fim de construir uma realidade social mais afim com seu projeto de identidade. Com isso, comicidade representa, também, uma prática discursiva que oferece formas de imaginar o pertencimento.

O léxico do matrimônio

Publicado em 2014, o romance *Die juristische Unschärfe einer Ehe*, de Grjasnowa, tem como foco central o relacionamento de Leyla e Altay, cujo casamento de fachada lhes permite criar espaços de liberdade para viver relacionamentos não convencionais, como o triângulo amoroso com Jonoun. O casal tem sua origem no Azerbaijão, passando por Bacu, Moscou e Berlim. Nas diferentes etapas, Leyla e Altay se relacionam com diferentes pessoas, desafiando os conceitos de matrimônio e sexualidade. Por meio da comicidade, eles desconstruem as narrativas herdadas de sua socialização cultural e desbravam novas formas de pensar o pertencimento.

A socialização cultural provê indivíduos com um léxico específico que lhe fornece instrumentos linguísticos para ordenar, classificar e posicionar atores sociais num mapa social. Por meio desse léxico, a tradição lega à posterioridade formas de pensar o convívio, prevendo modos de interação, de administração do corpo e da encenação social. O caminho clássico, portanto, traça um percurso de reprodução da espécie, reunião das economias e concretização da sexualidade. Esse percurso, por muitos séculos, foi pautado pela narrativa totalizante da heterossexualidade e fundamentado por um léxico fechado que dispunha aquilo que deveria ser executado pelo indivíduo, a fim de reproduzir a realidade legada. Nesse cenário, o jogo da linguagem reside basicamente em manter a estabilidade semântica desse acesso ao mundo. Toda forma do ser que não se enquadra nesse percurso acaba sendo descrita com um léxico pejorativo, para indicar com clareza semântica o desvio da norma.

O romance de Grjasnowa problematiza esse léxico em cujo escopo de sentido as ações de suas personagens ficcionais se coadunam. Isso começa pelo título: *A imprecisão jurídica de um matrimônio*. Nele já se encontra o primeiro “cavalo troiano” que busca desconstruir as narrativas totalizantes que prescrevem os modos de emprego do si. Antes de prover um léxico alternativo, a voz narrativa, contudo, recupera o legado da tradição no formato do casamento tradicional e o desestabiliza por meio da comicidade irônica. A problematização lexical não oferece uma nova narrativa fechada, com suas visões de mundo, mas ela desbrava caminhos para imaginar outras formas de agrupamento social e, com isso, de pertencimento.

O ponto de partida dessa problematização se encontra nas configurações matrimoniais pautadas pelas narrativas tradicionais, dentre elas, os relacionamentos dos pais de Jonoun e de Leyla. Esses dois percursos se enquadram, em maior ou menor medida, no léxico disponível, concretizando, portanto, narrativas identitárias disponibilizadas pelos scripts da tradição. Vale adiantar que os dois relacionamentos desembocam num fracasso individual, em que as promessas iniciais se revelam como quimera inatingível. Em nenhum dos casos, contudo, há um questionamento acerca das modalidades recebidas, pelo contrário, ocorre uma reprodução que ocorre de modo quase automático, conduzindo as personagens a um impasse existencial. Os dois fracassos servem como elementos de contraposição ao conceito de matrimônio dos protagonistas, que mina completamente o léxico recebido.

O primeiro caso remonta à família de Jonoun, que mais tarde vai se relacionar com Leyla, a protagonista do romance. Sua família é judia, tendo um passado marcado pela manutenção das tradições. O nascimento de sua mãe parece ser o início de um processo de desintegração de narrativas totalizantes que servem como norte para a concretização existencial dos membros da família. No processo de socialização, o contexto de origem, com a família e seus costumes, fornece um conjunto de visões de mundo que continuam a transitar no imaginário das gerações subsequentes. O que caracteriza os antepassados de Jonoun é

challenge, or rebel against, the rules. Disciplinary humour contains an intrinsic conservatism, while rebellious humour seems to be on the side of radicalism” (Billig, 2005, p. 202).

uma atenção rígida aos costumes, especialmente no que diz respeito à condição feminina. Nesse horizonte, a mulher representa uma ameaça cujo alcance a tradição procura disciplinar com diferentes mecanismos de controle. Especialmente o corpo é fonte de desestabilização do controle, de modo que se transforma numa superfície a ser ininterruptamente vigiada, a fim de não desintegrar as malhas de poder. Para isso, ele passa a ser administrado de modo a evitar que o olhar alheio o vislumbre como objeto de desejo. A cabeça raspada contribui para isso de forma ostensiva. Outros elementos, como o canto, o cabelo descoberto, a clavícula, contêm indícios de uma insubordinação contra o projeto de vigilância e administração masculinas.

Ao mesmo tempo que esses elementos remetem à rigidez que caracteriza esse espaço, sua menção também funciona como sementeira do cômico, ao situá-los como ameaça. Por meio da contraposição entre regime de vigilância e elementos corriqueiros com potencial subversivo, a voz narrativa insere um desvio nas práticas do uso da língua, convidando o receptor a identificar as discrepâncias. Isso não ocorre num tom de enfrentamento, mas através do tom jocoso que se infiltra quase imperceptivelmente no processo da construção da realidade de seus interlocutores. A duplicidade e a infiltração tácita na máquina fechada do discurso caracterizam esse movimento e representam a característica central do cômico em Grjasnowa. Aqui e em muitos outros momentos, a voz narrativa problematiza, por meio do cômico, as formas de pertencimento, suscitando questionamentos acerca da dinâmica de administração de grupos e seu modo de ser no mundo.

A mãe de Jonoun nasce num contexto tradicional, fruto de um relacionamento não autorizado por essa tradição, dando início a um processo de desintegração de narrativas totalizantes que vai culminar na revisão cabal, por parte de Jonoun. Para chegar lá e alcançar um estilo de vida nômade não só no que diz respeito a dinâmicas de deslocamento espacial, mas sobretudo no trânsito em narrativas identitárias, o papel da mãe tem um impacto substancial. Assim, a narrativa de sua gênese fornece uma primeira versão alternativa, com potencial de identificação com movimentos de subversão da ordem. Sua mãe, contudo, não transforma essa origem marcada pela alteridade em narrativa dominante, preferindo buscar no projeto tradicional do matrimônio seu norte de sentido. Esse relacionamento, no entanto, fracassa:

Jonoun passou os primeiros anos de sua vida em um kibutz no norte de Israel, mas ela não tinha nenhuma lembrança dessa época. Quando ela completou três anos, seu pai se casou, não com a mãe, mas com uma professora de jardim de infância, ex-atleta de alta performance e oficial da reserva. Jonoun foi deixada aos cuidados de sua avó. A mãe dela continuou a viajar pelo mundo [...] (Grjasnowa, 2014, p. 23).⁷

A aposta no matrimônio tradicional sucumbe à ausência de comprometimento por parte do parceiro, o que a voz narrativa relata num tom irônico e jocoso. Os sedimentos de comicidade amenizam a seriedade, mas não deixam de questionar a autoridade da narrativa recebida. Com efeito, ocorre algo semelhante àquilo que acontecera na concepção da mãe. Enquanto o corpo feminino é alvo de controle e de estratégias de subordinação, o corpo masculino persegue o princípio do prazer próprio. Nos dois contextos, a instituição "matrimônio" serve para disciplinar o corpo feminino, impondo regras de comportamento e concretização existencial que não se estendem para o corpo masculino. Este, nos dois casos, se esquia de responsabilidades, tendo como imperativo não as convenções éticas, mas o prazer unicamente individual.

O matrimônio dos pais de Leyla, a parceira de Jonoun e Altay, é igualmente problemático. O início do relacionamento se dá em conformidade com as expectativas dominantes, prometendo êxito na manutenção do rito e seus comportamentos. A mãe Salomé se destaca não somente pela beleza, mas também pela disciplina com que se apropria da realidade que a circunda: "Quando Salomé entrava em uma sala, havia rebuliço. O que ela não entendia absolutamente era a indisciplina: banha na cintura, barrigas inchadas, braços flácidos, meias-calças de lã com tecidos finos, pontas do nariz queimadas de sol, impurezas na pele" (Grjasnowa, 2014, p. 26).⁸

A caracterização que a voz narrativa faz da figura materna remete a um comportamento pautado por um olhar atento a práticas de subordinação. Para Salomé, o corpo representa uma superfície que revela o grau de internalização das práticas que ela tem por adequadas, especialmente no que diz respeito a padrões de beleza. Nessa esteira, a disciplina do corpo não revela nada sobre o matrimônio em si, mas indica os valores que guiam o comportamento da mãe. Sua intransigência diante de máculas corporais forma uma analogia aos parâmetros igualmente rígidos que ela adota na condução de sua vida social, buscando sempre atender a todas as exigências do grupo, a fim de manter seu status de superioridade. Importante, nesse

⁷ "Die ersten Jahre ihres Lebens verbrachte Jonoun in einem Kibbuz im Norden Israels, allerdings hatte sie keinerlei Erinnerung an diese Zeit. Als sie drei wurde, heiratete ihr Vater, nicht etwa ihre Mutter, sondern eine Kindergärtnerin, ehemalige Hochleistungssportlerin und Offizierin der Reserve. Jonoun wurde in die Obhut ihrer Großmutter gegeben. Ihre Mutter reiste weiter durch die Welt [...]" (Grjasnowa, 2014, p. 23).

⁸ "Betrat Salome einen Raum, entstand Unruhe. Wofür sie absolut kein Verständnis aufbringen konnte, war Disziplinlosigkeit: Hüftspeck, aufgedunsene Bäuche, schlaffe Oberarme, Wollstrumphosen zu feinen Stoffen, sonnenverbrannte Nasenspitzen, Hautunreinheiten" (Grjasnowa, 2014, p. 26).

contexto, é o horizonte de desprezo que funciona como silenciador de todas as narrativas que não se coadunam com a imagem daquilo que se tem por adequado.

O trabalho e, sobretudo, o casamento dos pais, ilustra, para Leyla, como a obediência cega aos parâmetros sociais não conduz automaticamente ao êxito identitário. Nesse cenário, Leyla começa a olhar para esse conjunto semiótico com outros olhos, compreendendo sua instrumentalização narrativa a serviço de uma visão de mundo pouco aberta a formas alternativas do ser. A relatividade das regras, antes tidas como inamovíveis, que definem a figuração da personagem materna, revela como sua autoridade é paulatinamente solapada, dando azo a questionamentos e ensejando o surgimento de uma voz que subverte a seriedade autoritária encontrada na socialização oriunda do contexto familiar. Assim, a ironia utilizada, com sua comicidade no uso das palavras, para relatar seus imperativos estéticos e para expor sua vaidade frívola, funciona com um mecanismo de ataque ao léxico narrativo utilizado pela figura materna para encenar o percurso identitário ideal. Nesse percurso, o matrimônio acaba perdendo uma parte de seu poder legitimador.

Nesse horizonte de narrativas totalizantes do matrimônio (e sua desintegração), surge a versão de Leyla e Altay, introduzindo um novo léxico que, mais tarde, vai ser estendido com a versão a três quando Leyla se envolve com Jonoun. Ainda no país de origem, as famílias de Leyla e Altay têm um interesse explícito em ver seus filhos inseridos na narrativa do matrimônio heterossexual. Quando Leyla e Altay se encontram, ambos já tiveram relacionamentos com parceiros do mesmo sexo e sabem que a narrativa legada por suas famílias não se encontra em consonância com aquilo que desejam. Ao se conhecerem, ambos reconhecem essa configuração social e acabam optando pelo casamento de fachada, de modo a atender às exigências do contexto:

O casamento foi feliz, eles tentaram manter a impressão de uma família normal para seus parentes e, como havia 1.927 quilômetros entre Moscou e Baku, tiveram um sucesso surpreendente. Em Moscou, embora todos se entregassem aos próprios prazeres, eles se tratavam com ternura crescente (Grjasnowa, 2014, p. 55).⁹

Num primeiro momento, a opção pelo casamento representa uma espécie de subordinação às narrativas dominantes e às expectativas do agrupamento social ao qual pertencem, em que reforçam o conjunto de sentidos que circulam naquele espaço social. Seu distanciamento reflexivo, contudo, revela um conhecimento diferenciado das regras do jogo, de modo que se apropriam da narrativa dominante, não para reproduzir o legado tradicional, mas para garantir a concretização de um projeto identitário, em consonância com seus anseios, prevendo as coerções sociais que formas alternativas do si produziram. Nesse bojo, eles ignoram o modelo heteronormativo e buscam formas próprias (Stephanie Catani, 2018, p. 151).

A imposição da narrativa dominante é transformada em potencial identitário, por meio de sua subversão, mostrando que os protagonistas entenderam a dinâmica de administração de sentidos. Sob a máscara de subordinação à narrativa totalizante, cada um investe em seus projetos pessoais, respeitando o próprio corpo. Ao mesmo tempo, também desenvolvem um relacionamento que deixa de ser pautado pela sexualidade – como foram os casamentos dos pais –, mas que ainda assim não deixa de criar um espaço de convívio e de construção de sentidos conjuntos que produzem uma outra dimensão de satisfação existencial. Nesse movimento de subversão do legado, Leyla e Altay produzem um léxico próprio para pensar e concretizar seu relacionamento. Como constata Hans Gerhard-Winter (2020, p. 32), o romance não fornece uma resposta definitiva no sentido de afirmar se essa forma de relacionamento representa uma solução satisfatória, mas ele definitivamente encena um movimento de criatividade e abertura que convida a rever as narrativas dominantes.

A comicidade irônica se instaura a partir da contraposição dos modelos de casamento que esses diferentes personagens encontram em sua realidade diegética. Justamente o relacionamento mais combatido pela máquina bélica do discurso identitário é aquele que apresenta o maior potencial de êxito. Esse êxito certamente é abalado quando Jonoun se junta ao casal, criando uma nova dinâmica afetiva, mas o pacto tácito de suporte mútuo permanece intacto. Nesse sentido, “a imprecisão jurídica do matrimônio”, talvez, resida na ausência de uma definição do conjunto de ações que forma sua instituição. O romance encena a fragilidade dessa máquina discursiva e insere o pensamento alternativo como “cavalo de Troia” para repensar essa narrativa totalizante.

O léxico da sexualidade

No processo de socialização, a sexualidade tem um lugar fundamental no percurso de formação de uma narrativa identitária. Em analogia ao matrimônio, os discursos

⁹ “Ihre Ehe war glücklich, gegenüber der Verwandtschaft versuchten sie, den Eindruck einer normalen Familie zu wahren, und da zwischen Moskau und Baku 1927 Kilometer lagen, gelang es ihnen erstaunlich gut. In Moskau ging zwar jeder seinem eigenen Vergnügen nach, doch behandelten sie einander mit zunehmender Zärtlichkeit” (Grjasnowa, 2014, p. 55).

dominantes tendem a naturalizar aquilo que caracteriza sua visão de mundo. Nessa esteira, a heterossexualidade acaba representando a forma prevista pela tradição para pensar e concretizar esse aspecto da condição física. Wittig chamava a atenção para o fato de que o léxico disponível para descrever esse excerto da realidade individual tem sua origem num pensamento cuja origem é heterossexual. Pensar a concretização desse elemento identitário num marco que não seja o dominante compreende, portanto, a subversão das práticas e a ideação de novos léxicos pessoais para designar os sentidos que se formam. A produção de um novo léxico, vale lembrar, não significa automaticamente a produção morfológica de novas palavras; ela pode ocorrer a partir da instauração de uma semiótica pessoal que consiga expressar as intensidades de sentido individuais.

O primeiro desafio reside em resolver o conflito que se instaura entre as expectativas da tradição e as instâncias do corpo que demandam uma outra configuração. A descoberta do corpo, portanto, está acompanhada de um processo em que o indivíduo percebe não ter um instrumentário para nomear o que o corpo impõe. A narrativa totalizante encontrada no cerne da família e em seu entorno raramente fornece propostas lexicais ou impulsos visuais que pudessem remeter a uma outra forma de ser no mundo. Nesse cenário, o esforço inerente à construção identitária se torna ainda mais complexo, exigindo do indivíduo um enfeixamento substancial de energias físicas e cognitivas para compreender como se posicionar nesse esquema de hierarquias do ser.

A identificação do léxico dominante e a necessidade de posicionamento diante dele ocorrem no percurso dos três protagonistas: Leyla, Jonoun e Altay. Para Leyla, esse processo tem início durante sua permanência num internato de Moscou, para onde é enviada de Baku, capital do Azerbaijão, para estudar balé.

Na quinta série, um ano antes da formatura de Nastja, ela e Leyla se beijaram pela primeira vez. A supervisora do colégio interno assistiu ao beijo em toda a sua inocente extensão e imediatamente notificou a diretora. Uma intimação e um sermão foram feitos sobre moralidade e higiene conjugal. A mãe de Leyla foi informada e convocada a Moscou, onde ela chorou muito, foi às compras e implorou a Leyla que deixasse disso (Grjasnowa, 2014, p. 45, grifo no original).¹⁰

Essa citação ilustra de forma explícita o choque entre dois léxicos. Por um lado, estão Leyla e sua amiga Nastja, que se encontram num momento de descoberta e de afirmação do próprio corpo. Nesse movimento, elas ainda não dispõem de instrumentos para nomear, classificar e hierarquizar o desejo que se expressa a partir do corpo. Por outro lado, encontram-se a supervisora e a diretora, ambas numa posição de poder e ambas treinadas no emprego de um léxico que designa comportamentos e ações, fazendo uso de seu papel social para ensinar, nessa macroaula de língua, o vocabulário “correto”. Ao contrário das meninas, que ainda não têm o domínio lexical necessário para expressar o que está ocorrendo nem a familiaridade discursiva para saber como seu espaço social hierarquiza comportamentos, as preceptoras produzem realidade por meio das narrativas dominantes, punindo o ser não heterossexual, para que se subordine à disciplina do seu léxico.

Para isso, duas estratégias centrais são empregadas: o discurso da moralidade e do matrimônio, com o objetivo de fornecer narrativas que atestem a autoridade das preceptoras e a validade de sua interpretação de realidade. Isto é, a narrativa totalizante legada pelo passado é reforçada, a fim de garantir sua reprodução. A segunda estratégia reside em recrutar a família para o serviço de instalação discursiva, sob pena de desprezo social em caso de não anuência. A mãe não tarda em aceder, instando a filha a deixar disso. Toda essa passagem está perpassada por um movimento cômico: a contradição entre a ingenuidade do beijo e o voyeurismo da supervisora, o choque semântico entre choro materno e sua compulsão consumista e, sobretudo, a palavra grifada “*seinzulassen*”. O lexema alemão, em seu emprego usual, pode ser traduzido por “deixar de algo”, isto é, parar de fazer algo, o que remete ao pedido materno. Numa leitura literal dessa palavra composta, também seria possível compreendê-la como “deixar ou permitir ser”. A ironia reside no fato de que não se permite a Leyla ser o que ela é.

O que se revela no microcosmo da realidade individual de Leyla e Nastja vale igualmente para o macrocosmo social do contexto em que vivem:

O que exatamente ela deveria deixar, isso Leyla não sabia explicar. Não havia sexo na discussão pública soviética, nem supostamente normal nem supostamente pervertido. A nudez era equiparada à pornografia, a homossexualidade era um crime e, não há muito tempo, era considerada uma doença mental (Grjasnowa, 2014, p. 45).¹¹

¹⁰ “In der fünften Klasse, ein Jahr vor Nastjas Abschluss, küßten Leyla und sie sich zum ersten Mal. Die Etagenaufpasserin im Internat hatte den Kuss in all seiner unschuldigen Länge beobachtet und sofort der Direktorin benachrichtigt. Es erfolgten eine Vorladung und eine Predigt über Moral und Ehehygiene. Leylas Mutter wurde informiert und nach Moskau bestellt, wo sie viel weinte, noch mehr einkaufte und Leyla anflehte, es *seinzulassen*” (Grjasnowa, 2014, p. 45, grifo no original).

¹¹ “Was genau sie *seinzulassen* sollte, das konnte Leyla sich nicht erklären. In der sowjetischen Öffentlichkeit existierte kein Sex, weder vermeintlich normaler noch vermeintlich perverser. Nacktheit wurde mit Pornographie gleichgesetzt,

O vocabulário empregado pelas preceptoras para nomear, classificar e hierarquizar o comportamento das discentes reflete a configuração lexical existente no espaço público e que constitui o imaginário sobre aquilo que seria o comportamento adequado. Assim, toda sexualidade que não se enquadra nos padrões da visão de mundo dominante acaba classificada como desvio que deve ser ou punido ou tratado. Nesse bojo, surge um horizonte social que vigia, disciplina e administra todo o discurso sobre o corpo, definindo o que pode ser dito e como pode ser dito, em suas coordenadas sociais. A administração do corpo que se encontra em consonância com esses preceitos não é alvo de questionamentos. Em havendo dissonância, há um léxico disponível para silenciar e marginalizar.

Em contraste com a violência simbólica que caracteriza o espaço social, a ingenuidade de Leyla diante da descoberta do corpo contém sedimentos do cômico. Enquanto o aparato social se enfileira para aniquilar a alteridade, ela não consegue parar de pensar em sua amiga. A contraposição do devaneio adolescente e da violência adulta produz um desvio no plano linguístico, no sentido de aguçar a percepção do leitor para essa dinâmica de produção de sentidos atrelados a usos lexicais. Com efeito, o lexema “homossexualidade” não é somente desconhecido à protagonista; ele é, sobretudo, inadequado por vir de um sistema classificatório heterossexual, como ensina Wittig. O que Leyla descobre é o desejo e, nesse momento, ele ainda não está predefinido pelas categorias culturais que definem o posicionamento de cada forma individual de desejar.

A individualidade do desejo e sua inserção posterior nas malhas culturais também caracterizam o percurso de Jonoun. Ao contrário de Leyla, sua descoberta pessoal da atração feminina ocorre muito mais tarde, quando deixa os Estados Unidos e passa a trabalhar em Berlim, onde encontra Leyla (Grjasnowa, 2014, p. 19). Em analogia à descoberta de Leyla, o primeiro movimento da percepção não é filtrado pelas classificações culturais. Pelo contrário, é um corpo que se expressa a partir de sua lógica própria, num estágio anterior à tradução linguística daquilo que ele impõe à consciência do indivíduo. Até esse momento, Jonoun teve exclusivamente relacionamentos heterossexuais, de modo que ela ainda não dispõe de um léxico pessoal para nomear o que seus olhos buscam apreender. Como no caso de Leyla, seu corpo dita algo que lhe é completamente desconhecido e que, em sua instância, a impele a encontrar formas de verbalizar, a fim de inserir essa dinâmica corporal nas narrativas identitárias disponíveis.

A diferença central entre esse momento de descoberta e a experiência de Leyla reside no espaço sociocultural onde isso ocorre e a maturidade discursiva das interlocutoras. Diferentemente do internato, o bar onde as personagens se encontram é um espaço liberal, em que os mecanismos de vigilância e disciplina social não estão interessados no controle da sexualidade. Isso permite uma outra forma de gênese e expressão de sentidos. Junta-se a isso a habilidade discursiva de ambas para inserir esses acontecimentos em suas narrativas pessoais e se posicionar diante da realidade que as circunda.

Enquanto Leyla tem muita clareza sobre aquilo que deseja e como pretende concretizar seu percurso existencial, Jonoun se encontra diante de muitas dúvidas. São essas dúvidas que também a fazem enxergar o grau de internalização das narrativas dominantes. Isto é, ela identifica como seus os objetivos de vida legados pela tradição. Esses objetivos oferecem ao indivíduo a receita de uma existência “bem-sucedida”, o que Jonoun também almeja para si. Além da internalização desse crivo identitário, Jonoun identifica seu desconforto em relação ao olhar vigilante, disciplinar e punitivo que a afirmação pública de seu relacionamento produz. Esse olhar ilustra como a narrativa totalizante se impõe de forma sorrateira, de modo a submeter o corpo alheio ao princípio da obediência. Ao contrário de Leyla, que domina as estratégias de resistência, Jonoun encontra dificuldades para encontrar um léxico próprio que pudesse servir para a tessitura de sua narrativa pessoal.

As narrativas dominantes também impactam a concretização existencial de Altay, o marido de Leyla. Assim, quando ele ainda trabalha como médico num hospital da periferia de Moscou, ele testemunha um diálogo que posteriormente o faz deixar o país em direção à Alemanha:

‘A quais práticas sexuais você se refere, Maria Andrejewna?’, perguntou um jovem médico residente, com um sorriso largo e inapropriado no rosto, de resto, pálido. ‘Claro que as ocidentais’, disse ele.

‘Ah, essas’, disse um enfermeiro.

A aniversariante cheinha ficou com as bochechas vermelhas e disse: ‘Bem, essa coisa toda com as bichas. Não pode ser que eles nem tenham mais vergonha. Eles até querem marchar na rua’ (Grjasnowa, 2014, p. 100).¹²

Homosexualität stand unter Strafe und galt vor nicht allzu langer Zeit noch als Geisteskrankheit” (Grjasnowa, 2014, p. 45).

¹² “Welche sexuellen Praktiken meinen Sie denn, Maria Andrejewna?’, fragte ein junger Assistenzarzt mit einem unangemessen breiten Grinsen in seinem ansonsten recht fahlen Gesicht. ‘Natürlich die westlichen’, sagte dieser. ‘Ach, die’, sagte ein Pfleger.

Situado num lugar de intensa negociação de poder, onde o futuro profissional de Altay está em jogo, o diálogo de seus colegas de trabalho revela os valores que predominam nesse espaço e as narrativas que seus interlocutores devem internalizar, a fim de obter respeito entre eles. O que motiva a conversa é um número expressivo de pacientes masculinos, com transtornos psíquicos substanciais. A aniversariante tenta explicar que isso está relacionado com as novas “práticas sexuais”. O diálogo ilustra três movimentos de hierarquização: 1. Pacientes: diferenciando-os segundo sua sexualidade, 2. Entre nações: criando um escala de diferença segundo seu grau de aceitação frente a sexualidades não heteronormativas, 3. Entre cidadãos: diferenciando os que podem e os que não teriam direito de afirmar sua existência no espaço público.

Nesse contexto social, o êxito profissional está diretamente atrelado à reprodução da narrativa dominante. Em havendo insubordinação diante dessa visão de mundo totalizante, o indivíduo precisa antecipar sanções. Os colegas não tardam em perceber a empatia que Altay apresenta em relação a esses pacientes e não tardam em dar início a uma tessitura imagética que o constrói como diferente. Nesse bojo, a intensificação do desprezo e da exclusão é somente uma questão de tempo. Altay percebe isso de forma muito clara e emigra, pois identifica que, naquele espaço social, por mais que procure atender às expectativas da narrativa dominante por meio, por exemplo, do casamento de fachada, ele não terá chances. Como nas outras situações, violência simbólica e ingenuidade andam de mãos dadas, para produzir comicidade. A aniversariante reproduz de forma quase inocente a interpretação de mundo que domina nesse espaço. O modo como a voz narrativa reproduz essa visão de mundo, com um léxico grotesco, indica sua intenção de instalar um desvio. Esse desvio, ou melhor, a incongruência entre reprodução lexical e intenção na voz narrativa objetiva subverter, por meio do riso, o grau de solidez dessa narrativa totalizante.

Esse riso também se dirige às narrativas sagradas da cultura burguesa. Assim, quando assistem a uma apresentação do clássico *Lago dos Cisnes*, Altay constrói uma analogia com a cena gay, causando-lhe um ataque de riso que os força a deixar o teatro (Grjasnowa, 2014, p. 12). Nesse contexto, o riso subverte duas instituições. Num primeiro momento, ao construir um elo entre um clássico do cânone cultural com práticas da cultura gay, há um movimento de fragilização da seriedade das narrativas legadas, lembrando que o cânone também pode contribuir para a estabilidade de culturas dominantes. No lugar da admiração silenciada, surge a subversão como atitude. Ao mesmo tempo, o riso também se insubordina contra o espaço e os atores sociais que visitam o teatro, recusando-se a pagar tributos às práticas aí instaladas. Dessa atitude, surge uma tessitura identitária que aprendeu a não permitir o silenciamento e, sobretudo, a questionar a autoridade das narrativas legadas.

As três experiências estão perpassadas pelo princípio do não pertencimento. Em maior ou menor grau, o contexto de cada personagem remete a uma dinâmica de posicionamento no espaço social, problematizando as respectivas chances de participação. Em sua análise, Annette Bühler-Dietrich (2018, p. 43) chama a atenção para um detalhe importante: tanto Leyla como Altay perdem a pessoa que é alvo de seu primeiro amor, por conta da arbitrariedade dos detentores de poder. O poder e as chances de participação sabidamente têm um papel fundamental na construção identitária. Por meio do riso, a voz narrativa suscita questionamento sobre as práticas inerentes às narrativas totalizantes, inserindo desvios que solapam a solidez dessa configuração. Ao mesmo tempo, contudo, essa atitude subversiva também oferece uma outra forma de pertencer, criando um agrupamento formado por um conjunto de identificações alternativas. Esse outro pertencimento, contudo, não se utiliza da máquina bélica do discurso em seu movimento de fechamento. Pelo contrário, o riso contribui para produzir uma narrativa aberta.

Considerações finais

O romance de Grjasnowa problematiza duas narrativas totalizantes centrais para processos de constituição identitária: a narrativa do matrimônio e da sexualidade. Na primeira narrativa, a realidade diegética ilustra, a partir da geração dos pais, o modo como a internalização do léxico dominante conduz ao fracasso, produzindo, com isso, uma contraposição ao projeto exitoso dos protagonistas. A segunda narrativa totalizante tem como foco a administração da sexualidade. Nela, as personagens se veem confrontadas com um conjunto de estratégias de silenciamento, em que precisam, num processo paulatino, identificar formas de pensar o si, a despeito da exclusão.

As duas narrativas totalizantes são alvo da comicidade. Nessa esteira, a voz narrativa instala desvios linguísticos que buscam subverter a ordem, a fim de causar uma espécie de desautomatização nos processos de percepção. Essas estratégias funcionam como um “cavalo de Troia” para desconstruir o conjunto de práticas de classificação e hierarquização produzidas

Das pummelige Geburtstagskind bekam rote Wangen und sagte: 'Na, diese ganze Sache mit den Schwuchteln. Das kann doch nicht sein, dass sie sich nicht einmal mehr schämen. Sogar auf der Straße wollen die nun marschieren'" (Grjasnowa, 2014, p. 100).

a partir das narrativas dominantes. Trata-se de uma comicidade que se inscreve na tradição rebelde, buscando solapar o fechamento bélico dos léxicos herdados. Para isso, o léxico tradicional é subvertido e, em seu lugar, surgem outras formas de nomear a experiência, sem almejar um fechamento semântico. No lugar de outra narrativa fechada, há um espaço aberto de negociação que acolhe a diversidade.

É com base nesse novo léxico que o romance também permite vislumbrar outras formas de pertencimento. Se num primeiro momento ele ilustra a impossibilidade de pertencer, com base nas práticas herdadas, ele empreende um esforço, num segundo movimento, para expor outras formas de imaginar posicionamentos espaciais e discursivos que permitam a existência da alteridade. Aqui, o pertencimento já não se afilia mais aos modelos tradicionais reproduzidos pelas narrativas dominantes. No seu lugar, surge um espaço que se abre para o novo, tentando também buscar sua semiótica individual. Esse pertencimento não se pauta pela violência simbólica. Pelo contrário, ele busca pensar formas de viver e deixar viver, no marco do riso e, com isso, da afirmação da vida.

Referências

- BILLIG, Michael. *Towards a Social Critique of Humour*. London: Sage Publications, 2005.
- BÜHLER-DIETRICH, Annette. "Verloren und verbunden – Figuren in Olga Grjasnowas Romanen". In: BÜHLER-DIETRICH, Annette; EHWALD, Friederike; MUJKIC, Altina (Eds.). *Literatur auf der Suche: Studien zur Gegenwartsliteratur*. Berlin: Frank & Timme Verlag für wissenschaftliche Literatur, 2018. p. 31-49.
- CATANI, Stephanie. "Überall | Nicht | Zu Hause. Transkulturelle Verhandlungen in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur". In: HLUKHOVYCH, Adrianna; BAUER, Benjamin; BEUTER, Katharina; LINDNER, Konstantin; VOGT, Sabine (Eds.). *Kultur und kulturelle Bildung: interdisziplinäre Verortungen – Lehrerinnen- und Lehrerbildung – Perspektiven für die Schule*. Bamberg: University of Bamberg Press, 2018. p. 139-156.
- CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine". *University of Chicago Legal Forum*, p. 139-168, 1989.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima; PIRES, Maria da Conceição Francisca. "Apresentação do dossiê". *Revista Ártemis*, v. 26, n. 1, p. 1-5, 2018.
- FRAMEWORKS. "What's in a Frame?". *Frameworks*, 2022. Disponível em <https://www.frameworksinstitute.org/article/whats-in-a-frame/>. Acesso em 19/04/2022.
- GRJASNOWA, Olga. *Die juristische Unschärfe einer Ehe*. München: Carl Hanser Verlag, 2014.
- KOTTHOFF, Helga. "Gender and humor: The state of the art". *Journal of Pragmatics*, v. 38, p. 4-25, 2006.
- LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- NARRATIVE INITIATIVE. "Narrative Change: A Working Definition (and Some Related Terms)". *Narrative Initiative*, 2022. Disponível em <https://narrativeinitiative.org/blog/narrative-change-a-working-definition-and-related-terms/>. Acesso em 19/04/2022.
- SHIELDS, Stephanie A. "Gender: An Intersectionality Perspective". *Sex Roles*, n. 59, p. 301-311, 2008.
- TABERNER, Stuart. *Transnationalism and German-Language Literature in the Twenty-First Century*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- WINTER, Hans-Gerhard. "Transnationale Suchbewegungen. Die Romane Olga Grjasnowas". In: ARNAUDOVA, Svetlana; BISCHOFF, Doerte (Eds.). *Figuren des Transnationalen. (Re-)Visionen der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*. Dresden: Thelem Universitätsverlag und Buchhandlung, 2020. p. 19-36.
- WITTIG, Monique. "The straight mind". *Feminist Issues*, v. 1, nr. 1, p. 103-111, 1980.
- WITTIG, Monique. "The category of sex". *Feminist Issues*, v. 2, nr. 2, p. 63-68, 1982.
- WITTIG, Monique. "The Trojan horse". *Feminist Issues*, v. 4, nr. 2, p. 45-49, 1984.
- WITTIG, Monique. "On the social contract". *Feminist Issues*, v. 9, nr. 1, p. 3-12, 1989.

YUVAL-DAVIS, Nira. "Intersectionality and Feminist Politics". *European Journal of Women's Studies*, v. 13, n. 3, p. 193-209, 2006.

Dionei Mathias (dionei.mathias@ufsm.br) é doutor em Letras pela Universität Hamburg. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

MATHIAS, Dionei. "Narrativas totalizantes, comicidade e pertencimento". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 2, e87715, 2026.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não informado o uso de dados, não utilizou dados de pesquisa.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 13/05/2022

Reapresentado em 26/06/2023

Aprovado em 21/08/2023

EDITORA RESPONSÁVEL

Tânia Regina Oliveira Ramos  0000-0002-2477-0419

EDITORA CIENTÍFICA

Cristina Scheibe Wolff  0000-0002-7315-1112

